



CINEMA PARADISO

Boletim n. 290

São Paulo, 20 de maio de 2011.



Próxima Reunião: 29/05/2011 – Domingo às 16:00 h

CAMINHO DA LIBERDADE (The Way Back)

Diretor: Peter Weir (*)

(*) Nasceu a 21 de agosto de 1944, em Sydney, na Austrália. Trabalhou como realizador em alguns documentários televisivos, tendo depois colaborado no filme *Three to Go* (1971), que marcou a sua estréia cinematográfica. O diretor e roteirista realizou seu primeiro longa em 1974 *The Cars That Ate Paris*. Seus filmes seguintes, ainda na Austrália, foram o delicioso suspense *Piquenique na Montanha Misteriosa* (1975), *Gallipoli* (1981) e *O ano em que vivemos em perigo* (1983). A partir daí sua carreira se torna internacional e ele dirige nos EUA *A Testemunha* (1985), *Sociedade dos Poetas Mortos* (1989), *Green Card* (1990), *Sem Medo de Viver* (1993), *O Show de Truman* (1998) – este já discutido pelo grupo – e *Mestre dos Mares – o lado mais distante do mundo* (2003).

A CRÍTICA DA CRÍTICA

Eu não sei o que se passa com alguns críticos de cinema... Talvez estejam ainda tentando cavar um espaço no meio jornalístico e gostem de se fazer de “durões” pra se auto-afirmarem... O fato é algumas críticas me fazem pensar que eles devem ter assistido ao filme com dor de dente ou prisão de ventre... Fica evidente a má vontade com que assistem aos filmes... que não se deixam envolver, que nem sequer apreciam os filmes, no sentido de considerá-los, antes de julgá-los. Assistem com preconceito, já sabendo de antemão o que vão achar... As duas críticas que li na Folha de SP (ilustrada e guia da folha, respectivamente André Barcinski e Rafael Balsemão) acerca do filme *Em um Mundo Melhor*, de Susanne Bier, me passaram claramente a impressão de que ambos estavam de mal com a vida quando foram assistir ao filme. Eles revelam uma leitura TÃO superficial, tão rala, tão preconceituosa pelo fato do filme ter levado o Oscar de filme estrangeiro... que fiquei até com pena deles... Eles deixaram de se emocionar, de se surpreender, de perceber ótimas tomadas da diretora. Acho tão equivocada escolher um filme pela premiação de Hollywood, como descartá-lo por esse motivo. Um filme como esse sueco/dinamarquês é uma das boas opções nas salas de cinema, com excelentes atuações, abordagem criativa de temas importantes, uma história humanista que vai do mundo particular a questões humanitárias de forma muito pertinente, propõe reflexões sobre ética e valores morais e ainda tem fotografia e trilha sonora lindíssimas. Será que humanismo virou sinônimo de pieguice? Transformá-lo em filme “caça-prêmios” é, no mínimo, desinformação e falta de sensibilidade. Arrogância típica de novatos...

Não sou uma pessoa que busca em filmes uma mensagem edificante ou politicamente correta e estou longe de querer consenso (aliás, torci por *Beautiful*). Faço parte de um grupo que discute filmes e o nosso maior prazer é a polêmica, não o consenso. Posso discordar dos críticos, como comumente acontece (já aprendi e não os leio ANTES de ir ao cinema). Mas ler críticas ralas como essas só me transportam às leituras de outros “velhos de guerra” como Sérgio Rizzo, Luiz Zanin e Merten que demonstram ENTENDER muito de cinema, além de GOSTAR de cinema e do que fazem. Já que se supõe que são “especialistas”, é de se esperar que ao menos forneçam bons argumentos.

Infelizmente, ainda há bastante gente que se baseia nas matérias da ilustrada ou do guia para escolher o seu programa cultural.



Enviei a carta ao lado à Folha de SP (que não foi publicada até onde eu saiba, talvez por ser extensa) assim que li o que seus “críticos” diziam sobre o filme de Susanne Bier. Iniciamos nossa reunião do grupo sobre o filme em questão (*Em um Mundo Melhor*, reunião do dia 27 de março) falando da má qualidade da nossa crítica de cinema. Não se trata apenas de discordar deles (aliás, como sempre, entre nós não houve unanimidade, o que é muito saudável). Mas porque nos parece que alguns críticos dialogam com seu próprio umbigo, ou com um grupo de poucos (também críticos). É incrível como eles se repetem e pouco acrescentam de novidade. Nos parece que eles esquecem do público que talvez busque “orientação” ou “mediação” na crítica para desfrutar com maior apuro dos filmes que tanto gostamos.

Lembro de aulas que assisti com o Prof. Ismail Xavier (um craque) em que ele dizia que para se fazer uma boa crítica é preciso ver o filme mais de uma vez, para realmente sentir, elaborar, após anotar os principais elementos do filme. Sabemos que nossos jornalistas não dão conta de ver duas vezes um filme para escrever, porém a maioria é desatenta e arrogante. Percebemos erros flagrantes, às vezes, típicos de quem dormiu durante a exibição.

Hoje relendo o livro *A Hipótese-Cinema*, de Alain Bergala - cineasta, crítico da *Revista Cahier du Cinéma* e professor, (esse livro é para educadores), me fixei em um trecho que compartilho com os leitores do nosso jornalzinho, para engrossar nossa (raivosa) discussão sobre o tema:

Essa ilusão de realidade (...) sempre foi um elemento essencial do prazer do filme, e mesmo o mais crítico dos críticos, o mais semiólogo dos semiólogos não poderia se abster dessa “suspensão da descrença” caso queira entrar minimamente num filme e sentir prazer. É preciso antes de tudo ser um bom espectador, voluntariamente vítima da ilusão da realidade, se se quer ter alguma chance de ser um bom crítico ou um bom analista. (Bergala, 2008:132)
Abraços, Cláudia Mogadouro

Ecoss da discussão: *Cópia Fiel*

O filme *Cópia Fiel*, de Abbas Kiarostami rendeu muita discussão e já publicamos alguns artigos (edições 288 e 289). Ainda assim, a pedidos, tentamos reunir aqui os principais comentários da nossa reunião do dia 10 de abril. Se já é difícil escrever os ecos da discussão, sobre esse filme acho ainda mais difícil, mas podem ter certeza que a reunião foi ótima!

A reunião começou dividida entre as pessoas que amaram e aquelas que tanto amaram que foram ver duas vezes (essas ajudaram muito na reconstrução dos detalhes).

Logo surgiu a polêmica acerca do relacionamento entre os protagonistas: parte do grupo achou que eles eram casados e o início do filme mostra um fingimento; outros acharam que não: a segunda parte do filme é que seria um jogo. Levantamos muitos detalhes do filme para tentar entender qual seria a história original e qual seria o “espelho”. Muitos foram os trechos citados que “comprovariam” a tese de que eles tinham sim sido casados. Por exemplo, o questionamento do filho sobre o seu sobrenome. Sobrenome tem a ver com paternidade. Por que ela não assumiu diante do escritor o sobrenome do filho? O filho seria fruto desse relacionamento anterior entre eles? Em outro momento, Elle cita: “o filho é a cópia fiel do pai”. Esse comentário surge num momento em que James defendia a “liberdade de viver” do menino. Seria Elle a moça que seguia o filho e que inspirou James a escrever o livro? Mais ao final do filme, ele diz a ela: “você não rezava antes”. Outra dica: como ela poderia saber que James tem o hábito de fazer a barba dia sim, dia não? Elle fala sobre isso para a mulher do café, depois ele confirma esse comentário.

Mas aí entra a “defesa” dos que acham que eles não se conheciam anteriormente e que o jogo se inicia no café, quando ela aceita fingir que é casada com ele. Quantos homens não fazem a barba dia sim dia não? O casamento “inventado” para a dona do café trazia relatos comuns a todos os casais. O filme diz sobre o particular e o geral, o individual e o universal. A personagem de Binoche chama-se Elle – ela em francês – o que pode significar todas as mulheres. O que é a cópia e o que é o original? Até que ponto a nossa vida não é uma cópia de todas as outras vidas? Lembramos o filme do Eduardo Coutinho *Jogo de Cena*, que também trabalha com a ficção e a realidade, com o particular e o geral. Pensamos na nossa herança cultural. Quando nascemos não entramos em um mundo “zerado”. Entramos em uma cultura construída na linguagem, nos comportamentos, nas expressões artísticas. É a partir da nossa herança cultural (tema da especialidade do protagonista) que

construímos as nossas histórias “originais” e “particulares”. Pensando por esse lado, o roteiro da narrativa que eles inventam pode ser a de inúmeros casais.

Chegamos à conclusão de que as duas leituras são possíveis, do começo ao fim, e que o filme é construído de maneira a permitir esse jogo.

Para Ronilson, os casais são todos os mesmos: os protagonistas, o casal no dia do casamento, o casal que comenta a escultura, os velhinhos que saem da igreja, até mesmo o casal representado na escultura. Lemos um comentário de Kiarostami que legitima a percepção de Ronilson: “minha intenção não era discutir a cópia e o original, tudo era um pretexto para discutir a relação do casal. Nietzsche dizia: saiba que a importância de uma obra está no seu olhar. E isso não acontece só na arte. O seu objeto de amor também depende do olhar que você lhe lança”.

O grupo priorizou o olhar do filme para os relacionamentos, mas também discutimos a questão da autenticidade da obra de arte (citamos Walter Benjamin e seu texto sobre a reprodutibilidade técnica da obra de arte). O ponto de partida do filme é um ensaio sobre a cópia e o original. Rianete citou Platão, que afirma que a arte é uma imitação em terceiro grau, já que imita a realidade, que imita a ideia das coisas. Valorizamos muito como o cineasta faz essa discussão tão profunda a partir da estética e da imagem. Foi muito comentada a cena da estátua e a tão discutida cabeça recostada da moça, porque nunca se vê a tal cabeça, a não ser através de vários espelhos (aliás, há muitos espelhos em todo o filme). As duas cenas em que eles se olham no espelho seria uma opção metalinguística, uma vez que o próprio público é o espelho.

Mas a reunião acabou com uma grande pergunta: quantas vezes o sino tocou ao final? Ronilson contou oito vezes (alguém contou quando foi rever o filme?). Qual a importância do número de badaladas? James tinha que pegar o trem às 9 horas. Se o sino tocou oito vezes, ele ainda poderia se decidir por ficar com ela (e continuar o jogo?) ou não. Se tocou nove vezes, ele já havia decidido ficar.

Achamos o filme magnífico. Sentimos que ele pode e deve ser visto inúmeras vezes. Por exemplo, é possível assistir ao filme prestando atenção APENAS em que momentos são faladas as línguas francesa, inglesa e italiana? Só esse aspecto daria uma outra reunião do grupo e muitos outros textos. Quem escreve mais?

Cláudia Mogadouro



VOTAÇÃO DO TOMBAMENTO DIA 24/05

Finalmente!!! O Conpresp deverá votar sobre o TOMBAMENTO do Belas Artes na próxima TERÇA-FEIRA!

A luta continua!

Participe! Ajude a divulgar!

<http://www.facebook.com/event.php?eid=124510534295270>

Link sobre votação o tombamento do Belas Artes

<http://media.causes.com/1075528?m=6584a9cb>

COTAÇÃO 2011

<i>Homens e Deuses</i>	9,72
<i>Tetro</i>	9,57
<i>Cópia Fiel</i>	9,26
<i>Lixo Extraordinário</i>	8,96
<i>Biutiful</i>	8,85
<i>O Concerto</i>	8,63
<i>Contracorrente</i>	8,58
<i>Em Um Mundo Melhor</i>	8,54
<i>Água para Elefantes</i>	7,70
<i>Cisne Negro</i>	6,60

Edição / Diagramação:

Cláudia Mogadouro / Janete Felix Palma

e-mail: janetepalma@gmail.com

<http://www.grupocinemaparadiso.com.br>